

A TV DO TRABALHADOR

Um Caso de Administração



Alvanir B. de Carvalho



A TV DO TRABALHADOR

— Um Estudo de Caso de Administração —



A TV DO TRABALHADOR

— Um Estudo de Caso de Administração —

Alvanir B. de Carvalho



1ª edição - Brasil

Setembro de 2010

A TV DO TRABALHADOR
— Um Estudo de Caso de Administração —

Copyright © 2009, Alvanir B. de Carvalho

**Todos os direitos são reservados, no Brasil por:
Alvanir B. de Carvalho**



PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br
atendimento@podeditora.com.br

Diagramação, Impressão e Acabamento:
Control C – Impressos sob Demanda

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização do autor.

O AUTOR responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo contido na sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Este livro está registrado no Escritório de Direitos Autorais – EDA. Número do Registro xxx.xxx Livro xxx Folha xxx, Fundação Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro.

Todos os direitos da obra, reservados e protegidos pela Lei de Direitos Autorais 9.610/98.

SUMÁRIO

Prefácio	7
Carta do Ministério	9
O gerente italiano	20
Departamento do trabalhador	30
Luta pela sobrevivência	38
O instituto de pesquisas	50
Ajustando-se ao ambiente	56
Imprimindo sua marca	63
cultura informal	70
Calcinhas rendadas	79
Agências de emprego	90
Raio-x das agências	102
O segundo técnico	113
Discurso em Genebra	122
Programa de retreinamento	128
Invertendo os papéis	135
Apartamento da Rua da Aurora	143
Eu corto seu pinto	149
Palestra em Londrina	158
Mercado Persa	171
Ameaças do Pereira	175
A TV Do Trabalhador	186
mundo é pequeno	198
Técnicos para o interior	210
Interferências do Pereira	222
Chantagem emocional	228
auditores externos	242
Cadastro Nacional Único	252
O terceiro técnico	260
Final de contrato	269
Na TV do Povo	278
Carona Para o Ministério	285
Relatório negativo	293
Não à Corrupção!	302
Um novo Ministro	310
Sai o Diretor	317
Interrupção do contrato	326
Posfácio	332



PREFÁCIO

Existem amigos e “amigos”!

A amizade que resiste mais de cinquenta anos, vivida ininterruptamente, sem qualquer distanciamento, é algo inusitado nos tempos de hoje, onde os interesses se sobrepõem aos sentimentos de afeto, companheirismo e de pertença da mesma geração.

Alvanir é uma dessas amizades longevas! Vem desde os bancos escolares, ultrapassa vivências em Campina Grande, Recife e Rio de Janeiro.

Ao ler o romance A TV DO TRABALHADOR, deparo-me com fatos e situações não de todo desconhecidas, objeto que foram de confidências ou conversas despreziosas, do nosso convívio de tantos anos.

O personagem Antonio revela um caráter e concepção de vida que não me é de todo estranho visto representar a maneira peculiar do comportamento que eu sempre observei, no próprio Alvanir.

Ao dar vida ao personagem o autor o fez com tamanha intimidade, transmudando-se em Antônio, perfil de coragem no enfrentamento do desconhecido, arcando com as desvantagens da insegurança, sem fazer qualquer concessão às pressões dos poderosos do momento.

Antônio simboliza o homem íntegro, correto, destemido, ainda que temeroso das consequências negativas que poderiam

advir de seus atos, de sua postura, que em alguns círculos dos dias de hoje é tida como arcaica e desprovida de senso prático.

O autor é uma pessoa predestinada ao especial! Um ser humano que transita a todo instante pelo universo imaginário de pessoas com senso de estrita responsabilidade, acendrado espírito público, honestidade de propósito, disciplina e elevado desprendimento.

Ele é assim... Sempre foi assim... Simboliza para mim o homem mítico, sofrendo os reveses da inalteração de seus princípios, daí a espontaneidade da criação de Antônio, cuja vida parece ser feita do mesmo barro do autor.

Glêryston Holanda de Lucena

um amigo

CARTA DO MINISTÉRIO

Naquela tarde, de um dia qualquer do verão, na sala de visitas de um pequeno apartamento residencial, de classe média, situado na rua Senador Vergueiro, no Rio de Janeiro, onde residia o cidadão de nome Antonio, entrando na sala, trazendo na mão um envelope ainda lacrado, sua esposa lhe diz — Olhe aqui, meu bem. Isto acabou de chegar, pelo correio.

A mulher, uma carioca loura, 1,60 metro de altura, cabelos cortados relativamente curtos, pele alva, olhos azuis, com aproximadamente 22 anos de idade, era onze anos mais jovem do que Antonio, um sujeito originário da Paraíba.

Aproximando-se do marido, a esposa entregou-lhe o envelope citado.

Descalço, sem camisa, como de hábito usando apenas uma bermuda, vestimenta adequada ao intenso calor do Rio de Janeiro, sobretudo naquela época do ano, sentado na poltrona individual, sua preferida, Antonio de Souza lia o jornal do dia. Formado em Economia, recém-chegado do Nordeste, tinha a pele morena-clara, cabelos pretos, lisos, cortados curtos, sem barba e nem bigodes, aproximadamente 1,80 metro de altura, do tipo nem magro e nem gordo.

O pequeno apartamento onde residia o casal era dotado de apenas dois quartos e uma sala, cozinha e dependências de empregada. Escassamente mobiliado, constava do mesmo apenas uma mesa de jantar para seis lugares, em madeira, e seis cadeiras

do tipo comum, também de madeira; uma poltrona individual, para leitura, uma estante para livros, dessas com tampo de rebater, que também lhe servia de mesa de trabalho, algumas gravuras baratas, na parede, reproduzindo quadros de autores famosos, jarros de plantas nas janelas, um aparelho de ar-condicionado, no quarto do casal, uma televisão de tamanho pequeno, em preto e branco, uma máquina de datilografia manual, da marca Olivetti, modelo Lettera 22, um telefone, e nada mais.

Não havia tapetes pela sala e nem tampouco confortáveis sofás, onde acomodar as visitas pelo que, em alguns momentos muito especiais, a “cama de vento”, do quarto da empregada, era transportada para a sala de visitas, a fim de propiciar um assento improvisado para mais duas pessoas. Era um arranjo capenga, resultando em dois ou três tombos espetaculares, decorrentes do fato de a pessoa que estava sentada numa das extremidades ter-se levantado sem avisar a pessoa na outra extremidade da cama de vento, pelo que a mesma tombou para o lado oposto.

O edifício era antigo, desses que não dispunha de garagem, tendo sido este um dos motivos pelo qual seu preço de venda foi relativamente acessível, dado o grande inconveniente representado para os moradores que possuíam automóveis, que se viam obrigados a disputar as poucas vagas existentes nas ruas adjacentes, sobretudo numa ruela de nome Sady Gusmão, continuamente abarrotada de veículos, muitos dos quais estacionados em fila dupla.

Interrompendo a leitura do jornal, o cidadão estendeu a mão para receber o envelope que lhe foi entregue pela esposa. Como era do seu hábito, virou o envelope, examinando o nome do remetente, após o que comentou, aparentando certa indiferença — É do Ministério. ...

— Do Ministério? ... Qual Ministério? ... O que eles estão querendo com você? Indagou Terezinha, a esposa.

Abandonando de vez o jornal, momentaneamente posto de lado, após re-examinar o envelope, estudando qual a melhor maneira de abri-lo para ter acesso ao conteúdo do seu interior, sem danificá-lo, Antonio rompeu uma das abas do envelope, de onde retirou uma carta. — O mês passado eu lhes enviei uma cópia do meu Curriculum Vitae. Explicou-se.

Diante daquela informação, a esposa exclamou, fazendo uma crítica de advertência — Você não se dá bem, trabalhando no serviço público, que você não para de acusar de ser ineficiente, mal dirigido, ocupado por gente preguiçosa, de apadrinhados políticos e que, por isso mesmo, não fazem nada, o dia inteiro.

— Isso tudo é verdade e você tem toda razão. Retrucou o marido, procurando se justificar. — Tentei várias empresas. No presente momento, ao que parece, a situação econômica do país não é das melhores, pelo que, nas empresas particulares, as vagas de emprego estão escassas. Em sendo assim, “quem não tem cão, caça com gato”. Não é o que diz o ditado popular? Por isso, eu estou caçando até mesmo um trabalho no serviço público. Enfatizou ele, que demonstrava insatisfação por se encontrar naquela situação de trabalhador desempregado.

Acercando-se mais um pouco, Terezinha externou suas preocupações — Que seja numa empresa privada, ou que seja no governo, ... tomara que lhe dêem um emprego, você voltando a ganhar alguma coisa.

A esposa não percebia, porém seu marido era muito sensível a qualquer crítica sobre seus atos ou sobre a sua pessoa, mormente quando tais críticas partiam de sua mulher, muito mais jovem do que ele pelo que, pelo menos no seu ponto de vista, não estaria qualificada para fustigá-lo com as frequentes reprimendas e admoestações de que era o alvo.

De certo modo Antonio reconhecia que sua mulher, pelo menos em parte, tinha razão.

Do tipo sonhador com um mundo perfeito, que não correspondia à triste realidade da vida, era seu desejo que todo mundo se comportasse de maneira adequada, respeitando as leis, pelo que ficava uma fera quando alguém avançava sobre os seus direitos.

No que dizia respeito a assuntos do Governo, criado num ambiente em que seu pai, um pequeno comerciante de Campina Grande, na Paraíba, votava um ódio desmesurado aos funcionários públicos, por ele classificados de corruptos, tais sentimentos levavam-no a desejar ter participado de algum grupo de extermínio, só para livrar o país de elementos dessa natureza. Evidentemente que tais pensamentos não passavam de um sonho com os olhos abertos, sem maiores consequências.

Uma vez que sonhar não faz mal a ninguém, “eliminar desafetos, nem que seja em pensamento, ajuda a aliviar tensões”. Pelo menos foi isso o que lhe disse, certa vez, um psicólogo que conheceu.

Recuperando a calma que o caracterizava, o marido abriu o envelope. Curiosa, a esposa permaneceu de pé, ao seu lado, aguardando que este concluísse a leitura daquela missiva.

Encerrada esta, Antonio encarou a esposa, após o que informou-a — Eles querem que eu vá até lá, para uma entrevista com um tal de Dr. Fernando Queiroz, Diretor do Departamento do Trabalhador.

A esposa comentou esperançosa — Tomara que você volte logo a trabalhar.

Concordando com aquela assertiva, o marido deixou escapar uma frase que confirmava as preocupações de sua mulher — Tomara que sim! ... Após uma breve pausa, acrescentou — Pois que o dinheiro que temos já está acabando.

Mulher prática, raciocinando sobre a precária situação em que se encontravam, indagou — E quanto é que vão lhe pagar?

— Na carta, escreveram que poderão pagar dois mil cruzeiros, por mês.

— **DOIS MIL CRUZEIROS? ... Só i-s-s-o?** ... Exclamou a esposa, acrescentando, em tom de protesto — É uma minxuruquice. ... Qualquer pé de chinelo ganha mais do que isso.

A maneira como sua mulher reagiu àquela informação deixou o marido perplexo, pelo que contra-argumentou, dizendo — Não é uma minxuruquice, conforme você está dizendo. Pelo menos se comparado com o salário que o Condomínio paga aos faxineiros do prédio, isto representa vinte vezes aquilo que recebem.

— Como sempre, você pensa pequeno, ao se comparar com os faxineiros do edifício. Protestou a esposa.

— Está bem! Exclamou o marido, que em seguida emendou — Posso então comparar o salário que estão me oferecendo com o que recebe a sua prima, que é Secretária de uma empresa multinacional?

A esposa nada respondendo, Antonio levou avante aquela argumentação. — É pouco menos de quinhentos cruzeiros por mês. Não é assim?

Sem querer dar o braço a torcer, a esposa respondeu, com certa irritação na voz. — A minha prima só tem o Ginásio. Por isso, sua comparação não é válida.

— Está bem! Disse o marido. — Deixemos sua prima de lado e façamos uma comparação com a esposa do seu tio, que é Bacharel em Direito. O exemplo serve?

Não tendo com o que argumentar, a esposa permaneceu calada.

Fosse Antonio uma pessoa mais sensata, deveria parar com aquela discussão por ali mesmo. Contudo, alguma coisa, dentro dele, mexia com seus bríos pelo que sentiu-se obrigado a prosseguir na contestação da afirmação de sua mulher quanto ao baixo valor do salário que lhe estava sendo oferecido pelo futuro patrão.

— Você não entende de estatísticas. ... Se eu ganhar dois mil cruzeiros por mês, vou passar a integrar o grupo dos indivíduos que estão situados na faixa salarial dos cinco por cento de renda mais elevada, do país.

— Uma minxuruquice dessas? Insistiu a esposa.

— É isso aí. Confirmou ele, que ainda adiantou — O país é pobre, pelo que a renda per capita é muito baixa. Daí que ganhar dois mil cruzeiros é um privilégio para muito poucos.

— Não é o que leio, nos jornais. Retrucou Terezinha, elevando o tom de voz, dando a entender que não estava nada satisfeita com a postura do seu marido.

— Nos jornais, eu só leio que fulaninho, ou que fulaninha de tal, comprou uma cobertura na Avenida Vieira Souto, pagando uma fortuna.

Encarando o marido, em quem lançou um olhar fuzilante, de absoluto desprezo, ela acrescentou — Não vá você querer me dizer que essas pessoas ganham tão mal quanto você, que eu não acredito.

Emitindo sinais de que também começava a ficar irritado, Antonio respondeu — Pois, queira você ou não, essa é a situação que estou lhe revelando.

— Você pensa pequeno. Voltou a dizer a esposa, desapontada com a postura do seu marido. — Ganhar dois mil cruzeiros por mês e ficar contente, só por que o país é uma merda, é digno de você.

— Eu não disse que estou satisfeito com esta situação. Corrigiu-a o marido. Só mencionei que os indivíduos que mais ganham no país, ganham em torno disso, em média. Só toquei no assunto de modo a dar a você a ideia de que não é um salário assim tão ruim, considerando-se as limitações financeiras do Brasil.

Diante daquela argumentação, Terezinha não mais abriu a boca. O seu semblante, porém, demonstrava a enorme frustração que sentia.

Soltando um suspiro de resignação, ao mesmo tempo em que dobrou a carta do Ministério, que a seguir recolocou de volta no envelope, o marido confirmou — É isso aí. ... Apenas dois mil! ... E esta foi a única oferta que tive, até agora.

— É melhor do que nada. Você concorda? Exclamou Antonio, olhando para a esposa.

Fingindo não se alterar, o marido voltou a ler o jornal, como se nada de extraordinário tivesse acontecido. Desse modo, sinalizava que aquele assunto estava encerrado. Em seu íntimo, porém, aquela oferta de emprego representava uma tábua de salvação, como se dizia em sua região de origem, na distante Paraíba.

Desde que chegou no Rio de Janeiro, com a cara e a coragem, de pessoa disposta a vencer “no sul maravilha”, não havia conseguido um emprego fixo, definido, limitando-se a prestar uma assessoria esporádica aqui e outra ali, ganhando uns caraminguás que mal e parcamente lhes permitiam sobreviver sem ter que recorrer à ajuda de quem quer que fosse, sobretudo do sogro, ideia essa por ele inteiramente rejeitada.

O fato de se encontrar morando no Rio foi puramente circunstancial, visto que nunca desejou sair de sua adorada Campina Grande, de forma permanente. Não que fosse um tipo recluso, ou ignorante. Desde criança, levado por seu pai, já conhecia Fortaleza, Crato e Barbalha, no Ceará. Com onze anos de idade, visitou Recife, ficando impressionado com a quantidade de navios de guerra, brasileiros e norte-americanos, fundeados no porto.

Aproximava-se o final da guerra com a Alemanha Nazista, pelo que somente um ou outro navio saía em missão de patrulha, daí a concentração deles, no porto de Recife, enquanto aguardavam a ordem de desmobilização, quando então retornariam às suas bases de origem.

O curioso nessa história é que só quando Antonio completou dezessete anos, foi que conheceu João Pessoa, a Capital do seu Estado natal, visto situar-se um pouco fora da rota tradicional Campina Grande/Recife, sobretudo numa época em que as estradas nordestinas não passavam de aberturas feitas no solo bruto, daí as enormes crateras da época da seca, ou os atoleiros quase intransitáveis, no período da chuva.

Cabe dizer que, de forma consciente, Antonio jamais desejou afastar-se de sua Campina Grande, onde cresceu e se tornou adulto. Basta que se diga que, no dia em que embarcou num ônibus, com destino a Recife, onde iria se preparar para fazer o vestibular para uma faculdade visto que, naquela época, não existiam instituições de ensino de nível superior, em sua cidade, enquanto seus colegas de viagem comemoravam, ruidosamente, aquele fato, ele se mantinha amuado, em seu canto, tentando responder uma pergunta que se renovava, em sua mente, a cada curva do caminho “O que é que estou fazendo aqui, se em Campina estava tudo tão bom?”

Esse mesmo tipo de pergunta ele se auto-dirigiu, alguns anos mais tarde, à bordo de um avião do Loyde Aéreo Brasileiro, rumo ao Rio de Janeiro, onde daria continuidade aos seus estudos universitários “O que é que estou fazendo aqui, se em Recife estava tudo tão bom?”

Pois é! Se, por um lado, o comodismo e o medo do desconhecido o atemorizavam, por temer se expor a situações desconhecidas, pelo outro, o espírito aventureiro que também o caracterizava induziam-no a partir em busca do incógnito, referidos deslocamentos representando um teste em sua capacidade de afrontar e vencer o desconhecido, de deixar sua marca, conforme sempre dizia.

Felizmente que, dessa vez, logo depois de sua chegada ao Rio, graças à orientação recebida do amigo Hélio João, encaminhou cópia do currículo para uma Faculdade particular, onde passou a lecionar. O salário era baixo, porém aquela atividade, além de

render um dinheirinho extra, também servia de referência profissional diferenciada.

Afinal, dentre os estimadamente cinco mil economistas, presentes no Mercado de Trabalho da cidade do Rio de Janeiro, menos de trezentos eram professores universitários.

Bem ou mal, ele fazia parte daquele seletto grupo.

Ao decidir largar o emprego que tinha na Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste, mais conhecida por sua sigla, SUDENE, em Recife, a fim de tentar a vida no Rio de Janeiro e trazer sua esposa carioca de volta ao convívio familiar, do qual tanto demonstrava sentir falta, cometeu uma grave imprudência não adquirindo novos conhecimentos profissionais, a exemplo das técnicas de elaboração e montagem de projetos de financiamento, que parecia ser a única especialização que o mercado de trabalho do Rio de Janeiro esperava de um jovem economista.

Na SUDENE, absorvido em atividades nitidamente burocráticas, de cunho macro-econômico, jamais se envolvera com a turma que, escancaradamente, ainda que teoricamente trabalhando no horário de expediente oficial daquele órgão público, montava projetos sob encomenda de empresários sulistas, interessados em auferir as vantagens do famoso Artigo 34/18 da Lei Federal que se destinava a fomentar o desenvolvimento regional do Nordeste Brasileiro.

Envolvidos com projetos de terceiros, um número avassalador dos técnicos relegava a um segundo plano as atividades intrínsecas do órgão que, pelo menos em tese, deveria contribuir para a recuperação econômica regional. Ou seja, aproveitando-se da frouxidão dos controles internos, de um órgão público deixado praticamente acéfalo, após a destituição do grande líder que fora Celso Furtado, movidos por interesses pessoais de natureza particular, os técnicos nordestinos traíam as esperanças de um futuro melhor, para o seu próprio povo.

A rigor, conforme ele assim o anunciava, em conversas cujo tema era o Nordeste, Antonio distinguia duas SUDENEs bem diferentes uma da outra. A primeira, de antes de 1964, ano em que ocorreu a revolução que destituiu o Presidente João Goulart, um esquerdista/sindicalista/peleguista que, por meio de ações dúbias,

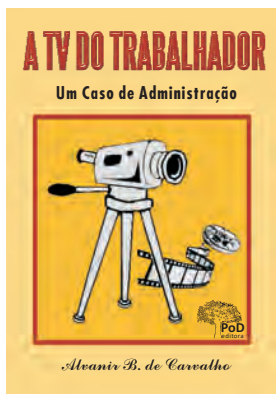
e de efeitos demagógicos, quase comunizou o país, SUDENE essa da qual saiu visto que Celso Furtado não lhe concedeu a licença solicitada para usufruir de uma bolsa de estudos do Ponto IV, nos Estados Unidos. Na segunda vez em que trabalhou para aquele órgão, encontrou uma nova SUDENE, a do período pós-revolução de 1964.

Comparando as duas fases da SUDENE, esta última era a pior das duas visto que se transformou numa entidade semi-paralizada em que, de um lado, havia os funcionários que se dedicavam a atividades de consultorias particulares ou de elaboração de projetos, gente que se ausentava de sua sede, logo após a tradicional “assinatura da folha de ponto”, para somente retornar no final do dia, ocasião do encerramento do expediente, com novas assinaturas naquela folha de papel que não provava nada e, do outro, o grupelho de funcionários de esquerda, que havia escapado da degola pós revolução de 64, que passava o dia inteiro sem fazer nada proveitoso, salvo discutir política revolucionária, fazendo proselitismo da esquerda, combatendo, com unhas e dentes a sempre presente ameaça dos norteamericanos imperialistas, ignorando ou fingindo ignorar, por conveniência política do momento, a ineficiência, omissões e ausências escancaradas dos colegas “capitalistas”.

Revendo a frase acima, Antonio deu um sorriso de escárnio. É que, ao pensar em “unhas e dentes”, chegou à conclusão de que, em verdade, as unhas deveriam referir-se às colegas do sexo feminino, visto que as comunistoides da SUDENE, dentre as quais destacava-se uma colega extremada, de nome Marlene, verdadeira passionária, no estilo da famosa Dolores Ibarruri, da época da Guerra Civil Espanhola, eram invariavelmente mais exaltadas e agressivas nas discussões políticas do que seus colegas, do sexo masculino.

Baixa e gordota, coisa que lhe fazia parecer mais gorda, ainda, mulher de cara redonda, seus olhos faiscavam, soltando chispas, quando se metia em alguma discussão política, ou quando falava mal do povo francês, país onde fizera seu curso de pós-graduação, de lá retornando cheia de rancores, uma postura totalmente diferente daquela esposada por Antonio, que se sentia grato, aos americanos, por lhes terem possibilitado o convívio com seu povo, ao longo dos quase dois anos do período de duração da sua bolsa de estudos.

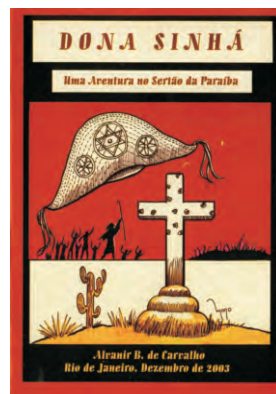
Outras obras do Autor disponíveis em nosso site:
www.podeditora.com.br



formato: 16,0 x 23,0 cm
nun. de páginas: 338



formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 368



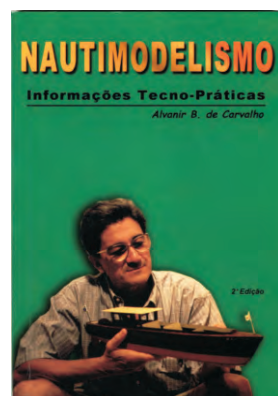
formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 336



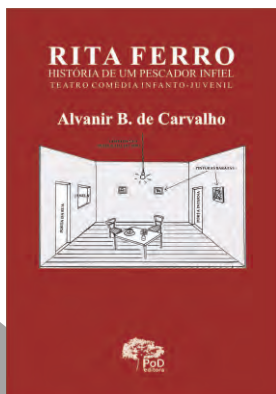
formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 364



formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 392



formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 280



formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 60



formato: 14,0 x 21,0 cm
nun. de páginas: 340